A INIMIGA
DA RAINHA
3

Sumário

Artista: Negretta Moreira

Artista: Negretta Moreira

É preciso
afiar o arco e a flecha
afiar bem os feitiços
e matar uma rainha por dia
enquanto dia existir

em sete dias seguidos
caíram nas armadilhas
das antigas tecelãs
com fios de luz sete rainhas
se enforcaram!

É preciso um ser inteiro
pra derrubar um Estado
um castelo
uma teoria
uma arte
fragmentos de espetáculo!

Lua Clara

*Tradução do poema: Le Parole Nueve de Luce Fabbri. Por: Aquela Mulher do Canto esquerdo do Quadro.

As palavras novas*

(Luce Fabbri)

Cada palavra assenta sua carne.
Eu queria tatear na mata
do mundo das palavras transparentes,
palavras de ar,
para ler, para escrever, para dizer,
para projetar na escuridão a teia,
mas que não pesem
e que não abandonem sombra sobre a via.

Essas palavras, amigos, não existem,
mas há no caos algo que as circunda,
algo que possui potência para criá-las.
E, assim, cantarei com elas, finalmente,
cantarei, finalmente um canto de vitória.

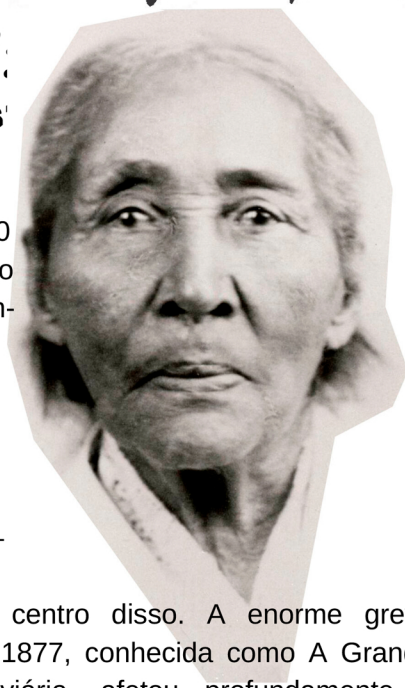
“Mais perigosa que mil manifestantes”: Quem foi Lucy Parsons?

(A Inimiga da Rainha)*

ORIGEM

Pouco se sabe sobre os anos iniciais da vida de Lucy Parsons, é possível que ela tenha sido escravizada, não se sabe exatamente como e onde ela aprendeu a ler e a escrever, ou o que ela lia ou mesmo como ela se tornou uma militante radical. É possível relatar melhor sua vida a partir de sua fase adulta. Mulher negra, Lucy nasceu provavelmente em 1853 em Waco, Texas. Ainda criança viveu em meio a Guerra Civil americana e na adolescência em um contexto racista extremamente hostil alastrado por atrocidades da Ku Klux Klan. Entre 1873 ou 1874, após se casar com Albert Parsons – união ilegal já que na época existiam leis contra a miscigenação que proibiam os casamentos interraciais –, eles se mudam para Chicago fugindo de ameaças e perseguições.

Ali se inicia sua história de revolucionária. Poucos anos após chegarem a Chicago, Lucy e Albert foram ativos no partido radical de esquerda chamado WorkingMen’s Party e pouco depois começam a publicar artigos no Socialist, jornal organizado pela Socialist Labor Party (SLP). É quando Lucy se torna a pessoa que conhecemos, lutadora assídua pela liberdade, igualdade e solidariedade, pela emancipação da classe trabalhadora contra o terror e tirania do Capital e do Estado. Movida pela busca da emancipação da pobreza e das diversas opressões, ela lutou incansavelmente por toda sua vida pela grande causa da revolução social – a causa pela liberdade das mulheres e da população negra, dos presos políticos e dos pobres, dos desabrigados e dos encarcerados.

É nos anos 70 e 80 do século XIX que se intensificam os conflitos de classe por todo EUA – especialmente em Chicago – e os Parsons estavam no centro disso. A enorme greve nacional em 1877, conhecida como A Grande Greve Ferroviária, afetou profundamente o casal. Em 1879 Lucy já era uma poderosa oradora e uma das principais organizadoras da União das Mulheres Trabalhadoras (Working Women’s Union), com isso tornou-se uma pioneira na sindicalização das mulheres trabalhadoras. Ela e Albert passaram a se considerar anarquistas por volta do ano de 1883. O casal discursou em grandes comícios de trabalhadores em Chicago ao ar livre, à beira de lagos, e em reuniões em Salões (Halls) pela cidade. Um historiador ao ilustrar a habilidade de Lucy para inspirar a classe trabalhadora diz que ela “influenciou uma grande parcela de trabalhadores Judeus de Chicago. ” Sua influência era tamanha que a polícia de Chicago a temia e se referia a ela como: “mais perigosa que mil manifestantes.”

MULHER BOMBA

Nos anos de 1870 e 1880 Lucy se torna ainda mais radical. Insatisfeita com a SLP e seus eleitores ela adere ao anarquismo. Em 1883 entra para a IWPA (Internacional Working people’s Association). Em 1884 Lucy passa a publicar no jornal do IWPA em Chicago, chamado The Alarm, um periódico que depois se tornou uma das mais conhecidas publicações e a com melhor circulação no Estado.

Um dos fatos mais conhecidos concerne a um artigo de Lucy intitulado “To Tamps, the uneployed the disinherited, and misserable” na qual conclui convocando os mais pobres a “Aprender a usar explosivos” – artigo este que se tornou um dos documentos mais importantes na história do anarquismo Americano. O governo ficou indignado com o conteúdo do artigo, sua influência foi tamanha que depois ele foi usado como prova nos argumentos dos promotores no caso do julgamento do Heymarket onde se procurava associar os ideais anarquistas ao terrorismo, à desordem social e a aspiração pela guerra.

Contudo, o que Lucy fazia era se valer de sua brilhante retórica para denunciar as armas usadas pela força policial contra a população trabalhadora e principalmente nas greves. Algo como; “se são essas bombas as armas da polícia para nos reprimir, será preciso estar à altura para resistir”. O discurso de Lucy é até razoável ao lado do que os jornais da época publicavam, como por exemplo, o presidente da rodovia Pensilvânia, Tom Scott, quando recomendava que aos grevistas fosse dado “dieta de rifle”. O editorial do Chicago Times incitava que “granadas deveriam ser lançadas no sindicato de marinheiros que lutavam por maiores greves e menos horas. Um tratamento que serviria como exemplo para mostrar aos trabalhadores seu destino”. O Chicago Tribune recomendou: “Quando um vagabundo pede pão a você, coloque arsênio ou estricnina e ele não vai mais perturbar e outros ficarão distantes do bairro”. Frente a isso, Lucy não fazia mais que se posicionar a favor da autodefesa e do uso de todos os meios para tal, inclusive por meios armados.

HEYMARKET

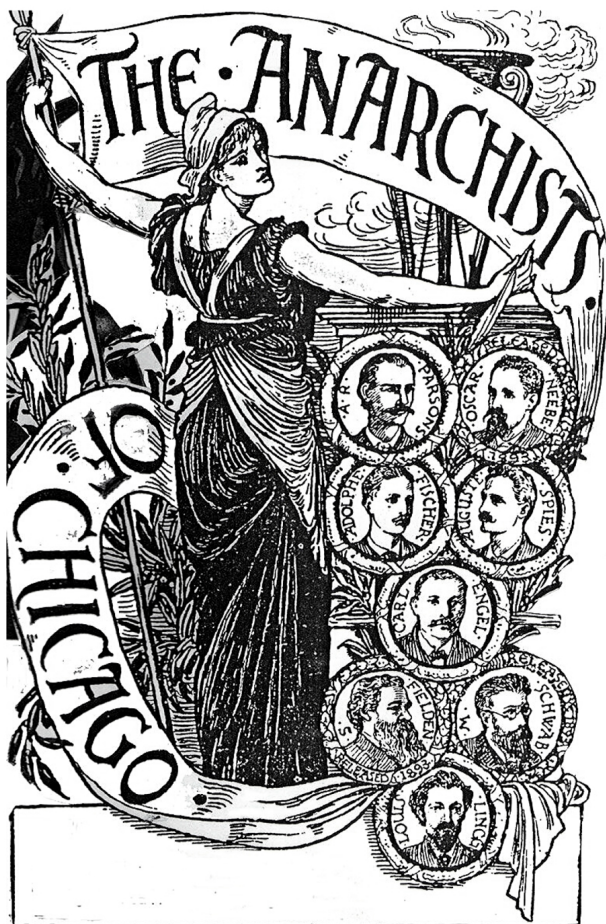
No dia primeiro de maio de 1886, em um belo dia ensolarado de sábado, Albert e Lucy Parsons conduziram uma entusiástica ,parada de mais de 80 mil trabalhadoras trabalhadores e crianças pela avenida Michigan em Chicago, inaugurando uma greve geral pelas ..o-horas de trabalho.

A Greve das Oito-horas pretendia ser uma greve nacional, mas Chicago mostrou ser o maior dos campos de batalha. Muitos donos de fábrica e outros homens de negócio acordaram com as reivindicações dos grevistas e uma contundente vitória dos trabalhadores parecia iminente.

Entretanto, as forças anti-sindicais estavam como sempre preparadas para seu trabalho sujo. Em 3 de Maio, na fábrica McCormick Reaper (depois International Harvester), se posicionou na ala sul um contingente de policiais liderado pelo sinistro capitão John “Blackjack” Bonfield que atacou um grupo de grevistas desarmados, atirando em muitos e matando ao menos dois. Sanguinário e corrupto – depois expulso da corporação por roubo, suborno e outros crimes – Bonfield era especialista em violência contra os trabalhadores (reprimindo encontros e discursos públicos, etc.) e na repressão sindical no geral.

Na noite de 4 de maio, em torno de 3000 trabalhadores se reuniram na praça Haymarket na rua Randolph para protestar contra o tiroteio policial do dia anterior. Um pouco depois das dez horas, quando a manifestação já estava para terminar – começara a chover e a maior parte da multidão já havia partido, inclusive Albert e Lucy e seus dois filhos – Bonfield de repente marchou com 180 policiais fortemente armados. Alguém – ninguém sabe quem, mas Lucy, Albert e muitos outros estavam certos de que fora um agente provocador disfarçado – jogou uma bomba. Em consequência do tumulto dos policiais, sete policiais e inúmeros trabalhadores foram mortos e muitos outros

trabalhadores ficaram feridos – baleados pelo fogo cruzado da polícia.(Não há evidências de que houvesse qualquer trabalhador armado).

O resto é história no seu sentido mais sombrio: a primeira “Ameaça Vermelha” (Ameaça comunista) da cidade; prisões em massa de anarquistas, socialistas, sindicalistas e de espectadores inocentes; invasões às casas de trabalhadores na madrugada; histeria jornalística; supressão policial da imprensa dos trabalhadores; e um ridículo e conspiratório julgamento de oito conhecidos líderes da classe trabalhadora, todos eles anarquistas. Apesar de não ter havido evidências concretas contra nenhum deles – mesmo os promotores admitiram que os réus não tinham nenhuma ligação com a bomba que fora lançada – um controverso júri rapidamente decidiu pela condenação. Quatro – George Engel, Albert Fischer, Albert Parsons, e Louis Lingg – foram sentenciados a morte. Os três primeiros foram enforcados; Lingg fora assassinado em sua cela ou cometera suicídio; e outros três foram enviados a prisão. Nenhum deles era culpado de nada mais que exercer o direito de livre expressão e de se organizar sindicalmente.

Nem é preciso dizer que essa perseguição à “Ameaça Vermelha” também provocou o colapso, por vários anos, das manifestações pelas jornadas de oito-horas de trabalho. Criminalizar a classe trabalhadora, e especialmente os mais pobres e os mais radicais dentre eles, sempre foi – antes mesmo de Haymarket e até hoje – um componente do sistema injusto do capitalismo.

AÇÃO DIRETA

A resposta de Lucy Parsons as provocações contra seu marido e aos outros camaradas de Haymarket foi agir. Ela imediatamente ajudou a organizar uma ampla campanha de defesa ao Haymarket. Escreveu artigos para jornais dos trabalhadores pelo estado e para além dele, assim como enviou várias cartas aos seus companheiros(as) e para figuras públicas conhecidas, solicitando sua ajuda. Em uma campanha de discursos que a levou a dezessete estados, ela não apenas introduziu a verdade sobre Haymarket para uma enorme audiência, como também ajudou a mudar a opinião pública no caso e levantou fundos para maior autodefesa dos trabalhadores na busca da conquista de suas reivindicações. Seus escritos e discursos em defesa de seus companheiros anarquistas condenados focaram-se em denunciar as injustiças do capitalismo contra toda classe trabalhadora.

Em muitas ocasiões a polícia reprimiu as reuniões públicas de Lucy e a prendeu. Décadas depois, a polícia de Chicago – e seus equivalentes em outras cidades – ainda tinham o hábito de proibir seus direitos constitucionais, silenciando suas falas e prendendo-a. Seu registro de prisão deve ter sido enorme. Durante um discurso no Oeste dos EUA na década de 1910 ela disse: “Toda cadeia da Costa Pacífica me conhece.”

Perseguida pela polícia, encarcerada várias vezes, e insultada na imprensa capitalista, ela, entretanto, persistiu e de fato conseguiu mostrar o lado da justiça e da verdade a um grande público.

Seis anos depois do monstruoso “julgamento”, o governador de Illinois John P. Altgeld perdoou incondicionalmente os três anarquistas restantes ainda presos às custas de sua carreira política. Admitindo completamente tudo o que Lucy Parsons vinha argumentando desde o julgamento em 1887, a mensagem de Altgeld em 1893, intitulada Razões para Perdoar, destacou a óbvia inocência de todos os mártires de Haymarket e condenou o absurdo e injusto julgamento, o júri abertamente preconceituoso, o enganoso promotor e acima de tudo o juiz intolerante e sua “maliciosa ferocidade. ”

Uma figura central nos eventos de Haymarket e de toda campanha de defesa que se desenhou, Lucy Parsons, continuou a espalhar a palavra sobre esse evento até seus últimos anos, especialmente para as gerações mais jovens da classe trabalhadora radical. Até o fim de seus dias ela foi ativa nos dois feriados consagrados a Heymarket – onze de maio e de novembro – e ela falou desse tema em incontáveis avenidas ao longo dos anos.

LEGADO

Lucy vendeu vários escritos sobre Albert e Haymarket e outras publicações revolucionárias em suas viagens discursando, em reuniões sindicais, em greves, nos piqueniques da IWW na Praça Bughouse – nas celebrações pela liberdade de expressão, próximo à Biblioteca de Newberry – e nas ruas (por anos foi comum encontra-la pelo centro de Chicago). Lucy teve enorme influência nas gerações mais jovens de militantes, além de que não ficou limitada apenas aos EUA. Em sua história do anarquismo britânico, John Quail comentou o impacto dela em sua viagem pela Inglaterra e Escócia em 1888, como convidada da Liga Socialista:

“Ela veio e causou uma impressão forte tanto em sua reunião em Londres e em sua viagem as províncias, ambas organizadas pela Liga. Ela não era uma patética vítima tomada pela mágoa. Ela veio como uma propagandista a qual a tragédia tornou sua voz ainda mais forte. Sua visita, mais que qualquer outro fator, acelerou a guinada para uma “atitude definitivamente anarquista” na Liga Socialista. ”

Mais recentemente, em conexão com a mesma viagem britânica pela qual discursou, Paul Gilroy em seu livro O Atlântico Negro levantou a questão de como “o encontro de Lucy Parsons com William Morris, Annie Besant e Piotr Kropotkin impactou na reescrita da história do radicalismo Inglês”.

Anos mais tarde, em 1909, como uma agitadora da Industrial Workers of the World – como o historiador Mark Leier pontuou – os discursos de Lucy Parsons durante sua viagem pela Colúmbia Britânica (no Canadá) durante manifestações pela liberdade de expressão “forneceu um ponto de reagrupamento aos ativistas de Vancouver” e ajudou o IWWs e outros militantes a ganhar uma nítida vitória.

Para Lucy, o futuro revolucionário estava vivo na ação direta, piquetes, greves e solidariedade do presente. Uma lutadora temida nas linhas de frente da guerra de classes, ela sempre esteve pronta para o próximo confronto.

LUCY

Como ativista e apoiadora de muitas causas, Lucy Parsons, via que apenas um movimento organizado da massa de trabalhadores poderia realizar o sonho revolucionário da sociedade livre. Com isso em mente, ela co-fundou, ingressou e trabalhou com uma diversidade de organizações ao longo dos anos. Só para citar algumas das quais ela participou entre meados dos anos de 1870 até a virada do século: a Greenback Labor Party, a Socialistic Labor Party, a Knights of Labor, Secular Union, International Working People's Association, Working Women's Union e a Social Democracy. No novo século ela se identificou, várias vezes, com diversos grupos anarquistas como o Socialist Party, League of North America (SLNA), International Labor Defense (ILD), e de numerosos fóruns abertos como o socialist-feminist Woman's Forum, o hobohemian Dil Pickle Club, o Chicago Society of Antropology Forum, dentre outros. Para Lucy o movimento da classe trabalhadora é muito mais importante do que qualquer organização particular.

Ela conheceu e trabalhou alguns dos mais proeminentes anarquistas de sua época tais quais Peter Kropotkin, Errico Malatesta, Johann Most, C.L. James, Jo Labadie, Voltarine de Clayre, Emma Goldman, Ben Reitman, e mais tardiamente com jovens militantes como Irving Abrams, Boris Yelensky e Sam Dolgoff. É inquestionável que Lucy era uma grande figura do anarquismo, não só dos EUA, mas internacionalmente.

É importante lembrar que Lucy Parsons já era ativa na causa dez anos antes de Haymarket e se manteve ativa – uma infatigável militante – mesmo cinquenta anos após o miserável julgamento. Foram mais de sessenta décadas em serviço da revolução". Lucy militou até o fim de sua vida, fazendo discursos públicos até 1941, apesar da cegueira e de outras limitações decorrentes da idade avançada. Por causa de um incêndio em sua casa na rua North Troy 3130, Lucy Parsons morreu em 7 de março de 1942 aos oitenta e nove anos.

Apesar das incertezas nos registros fragmentados sobre Lucy Parsons algo que está para além de qualquer dúvida é sua apaixonada sinceridade e devoção pela transformação do mundo: "construindo uma nova sociedade na concha do antigo. " Praticamente toda linha escrita por ela foi feita para despertar nos leitores a necessidade urgente de abolir todo tipo de escravidão e opressão, inclusive a escravidão-assalariada e a repressão do Estado que a apoia. Não há dúvida quanto a potência de sua crítica; sua memória ecoa na história e até hoje nos inspira a agir e a transformar nossa realidade em direção a liberdade.

***Texto traduzido e adaptado por A Inimiga da Rainha. Retirado da Introdução de Gale Ahrens, do livro: "Lucy Parsons, Freedom, Equality e Solidarity. Writings e Speeches, 1878 - 1937. Editora Charles H. Kerr. Ano: 2003**

Crime e Criminosos

Lucy Parsons -
The Liberator,
25 de maio de 1906
Traduzido por A Inimiga da Rainha

Nossos santíssimos cristãos e outras pessoas bondosas ficam perplexas e horrorizadas, quando contemplam a prevalência do crime entre as “classes baixas.” Crimes, ou atos anti-sociais, entre as “classes baixas.” Nós roubamos nossas(os) filhas(os) antes delas(es) nascerem. Quantas milhares, sim milhões, de mães existem na classe trabalhadora que veem mil e um artigos de consumo quando grávidas aos quais seu apetite anseia ou seu coração deseja, e ainda assim são incapazes de satisfazê-lo? Elas andam pelas ruas olhando para deslumbrantes exibições, tudo para atrair os olhos e fazer com que o coração deseje, mas incapaz, devido à pobreza, de satisfazer tais anseios naturais. Qual é a consequência?

O feto está marcado, ele(a) sente a mesma decepção que a mãe sente; está marcado nele(a). Nós o(a) roubamos antes de seu nascimento, ele(a) entra no mundo com uma insatisfeita e capturada natureza. Essa tendência se desenvolve continuamente nele nos anos que cresce; o desejo cresce fortemente por causa da pobreza. Isso é roubo, é feito ilegalmente; então a sociedade pela primeira vez se interessa por esse ser humano. Ela se aproxima para punir a criança, está agora pronta para infligir tortura sobre a vítima de seu sistema falso, anti-natural e desumano. Quão melhor, mais sábio e barato teria sido criar condições naturais e sociais para que a criança pudesse ver a luz da Terra a partir das melhores condições possíveis, em vez de – como é frequentemente – sob as piores condições.

Quão melhor seria isso do que ter de construir grandes e sombrias prisões, supervisionadas por guardas, que endurecem e degradam ainda mais sua natureza. E o caso perdura com assassinatos, legais ou ilegais, ou com linchamentos. A imprensa sensacionalista dá todos gloriosos detalhes de tais ocorrências em grandes manchetes ofuscantes. Elas chamam a atenção de milhares de mães em potencial; elas se tornam perplexas com o horror e seus detalhes, e eles, por sua vez, marcam o feto. A criança nasce, alcança o estado de homem e mulher, alguma adversidade atravessa o seu caminho e as velhas marcas do pré-natal toma-o e um ato terrível é cometido! A comunidade está chocada e se pergunta de onde esse monstro poderia ter vindo. Outro candidato vai preso ou para a forca. Assim a longa procissão está sempre seguindo seu caminho pelas eras. A velha grisalha rabugenta, a sociedade, fica perplexa em um “santo” horror quando um de seus filhos comete um terrível ato. Ela nunca reconhece o fato de que isso é apenas o reflexo de seus próprios delitos. Crime é simplesmente uma doença social.

Quando a sociedade se tornar sábia o suficiente para suplantar a prisão com a escola, trocando o carrasco pelo professor, a punição por um tratamento gentil, e substituindo brutalidade por justiça e gentileza, nós vamos ouvir muito menos sobre “crime e criminosos.”

Artista: Favela Griô

Não Mudou Quase nada

(Negafya)

É horrivel ver uma criança de pouca idade revirando o lixo , é degradante crianças e adolescentes se tonando gestantes. E o governo ausente para nossa população Afrodescedente. conviniente, estrutural, genocídio da pele preta desde a era colonial. Carnaval ? racista classista , onde quem realmente curti são os turista , a muita coisa ser dita a falta de educação encarcera nossa população visivelmente preta, certeza, que quem mais sofre por aqui são as mulheres negras . Veja, partricado , machismo, féminicidio, homem violentamente adquirido, não inato, otário. Homofobia, religião, dinheiro na mão e na santa ceia só orgia , vigia , terreiros queimados e atacados , os tempos são outro mas as atitudes são as mesma preto na subserviência e branco no controle da existência.

Não , não . Não irei dialogar com brancos que não assumem seus privilégios , a minha discursão é o irmão preto para concientezalo . **Escuramente percebemos onde estamos , 86 jovens negros morrem por dia , imaginem por ano , eles estão nos dizimano. E o que você faz para mudar isso ? Pois eu faço terrorismo e estou calculando a formula para que o Branco possa provar do seu próprio veneno, o manifesto do povo preto será violento** . Aaa Branco da um tempo , essa conversa não é com você e sim com os irmãos pretos , Para que alcance o seu potencial e ocupe os espaços de poder . Vá se fuder com seu blá, blá , blá de Democracia racial , você que tolera o génocidio negro mas quando morre um branco gera uma comoção nacional . Nojo da sua cara branca tomando posse da minha cultura , nojo branco , nojo , da sua crença de meritocracia quando já nasceu com dinheiro no bolso . Irmãos com esse manifesto eu venho os convoca para que a revolução possamos a conquista e a você branco racista eu só tenho uma coisa falar . *Essa porra vai virar.*

Escuramente percebemos onde estamos , 86 jovens negros morrem por dia , imaginem por ano , eles estão nos dizimano.

Emma Goldman e a dança dionisíaca de Nora

Larissa G. Tokunaga

Emma Goldman (1869-1940) transitava incessantemente pelas artes: seu anarcofeminismo não recusava a beleza como aliada à resistência antiautoritária. Ao conferir vazão à vida em seu devir, a linguagem artística desconstruiria os dogmas aceitos religiosamente como ordenadores da existência social. A anarquista era entusiasta do drama social moderno, afirmando que as peças teatrais constituíam o "fermento do pensamento radical e o disseminador de novos valores."[i]

Artista: Meduza

Uma de suas leituras de cabeceira, a obra do dramaturgo Henrik Ibsen (1828-1906) conferia um tom libertário aos enredos geralmente protagonizados por sujeitos dilacerados sob as pressões do conservadorismo moral. A peça ibseniana até hoje mais conhecida, Casa de Bonecas (1879), seria reconhecida por Goldman como libelo contra a instituição do matrimônio, acordo social que sufocaria as individualidades, desmobilizaria as mulheres e se configuraria como um contrato de feitio econômico.

Pertencente à fase realista do teatro ibseniano, esse drama conta a história de Nora, uma mulher que, aparentemente, teria uma vida perfeita segundo os parâmetros burgueses: casada com um marido provedor, mãe, dona-de-casa prestativa e adorada pela família. Contudo, este verniz esconde o estopim dramático da trama: Nora enfrenta um agiota por conta de um empréstimo contraído por ela em segredo. Com o fito de custear uma viagem de tratamento para seu marido, a mulher fez a dívida falsificando a assinatura de seu pai a fim de obter o dinheiro e salvar a vida do esposo Torvald Helmer. A trama se desenrola quando Krogstad, o homem que lhe emprestou a quantia, a chantageia e exige um emprego no banco do qual seu marido é, agora, diretor. Nora é convencida de que a assinatura da promissória foi um crime, mesmo que concebido com boas intenções.

Durante três dias, a protagonista busca persuadir Helmer de que ele deveria conceder um cargo a Krogstad. Contudo, diante da tentativa em vão, ela se depara com a carta do chantagista dirigida ao marido. Quando tudo é revelado, este último reage de modo exasperado, acusando a esposa de impostora e criminosa. Em seguida, o agiota enviaria outra carta, em arrependimento, entregando a nota promissória que ameaçava a moralidade da carreira de Helmer. Este, último, então, se alegra e tenta se reconciliar com Nora, dizendo que a teria perdoado. A mulher, todavia, o rechaça, decidindo abandonar o lar e os filhos para descobrir-se a si mesma.

É interessante notar que no contexto atual, em que o capital e a ideologia neoliberal fagocitam a lutas para neutralizá-las, Nora seria vista como mais uma mulher "empoderada" que se evadiu do lar para ser empreendedora de si mesma. Contudo,Emma Goldman já diagnosticara em 1911 que:

"Nora abandona seu marido não – como um crítico estúpido afirmou – porque estava cansada de suas responsabilidades ou sentira a necessidade de seus direitos como mulher, mas porque chegou à conclusão de que durante oito anos viveu com um estranho e, além disso, lhe deu um filho. Pode existir algo mais humilhante, mais degradante que toda uma vida passada junto a um estranho?"[ii]

A autorrenúncia em nome de um dever social seria vista por Emma Goldman como um dos maiores obstáculos para a insurgência das mulheres, pois estas últimas introjetariam essa anulação de seus desejos como algo natural. Antes de adquirir a consciência de si mesma, Nora acreditou-se culpada por tentar salvar seu marido sem este saber. A honra deste último fora colocada acima de tudo. Essa questão moral de uma assunção da culpa seria vista pela anarquista como uma das causas da "tragédia da emancipação feminina".[iii] Objetificada como uma boneca, sujeita aos ditames misóginos e à obrigação de "nascer, gestar e morrer", a mulher se abnegaria para satisfazer a fantasmas sociais, estranhos que sobrepujariam a instância mais básica da vida: o prazer.

Não por acaso, a anarquista situaria as lutas pela equidade como algo que começaria na própria "alma" da mulher e não em conquistas políticas/capitalistas que apenas mascarariam a real exclusão social.Ao se reconhecer enquanto ser humano, que não é atrelada ao marido e à família, Nora se evadiria do núcleo patriarcal para reconciliar-se consigo mesma. A sociedade livre, para Goldman, principiaria libertação das singularidades, na demolição e mediações intersubjetivas baseadas em acordos formais, superstições, modelos alheios às vontades individuais.

Em um dos atos mais belos e emblemáticos da peça, a protagonista se entrega a uma dança visceral, sem passos demarcados, em uma reapropriação de seu próprio corpo e em uma afirmação de sua subjetividade desviante, em devir. A cena ibseniana evoca a própria paixão de Emma Goldman por uma linguagem dionisíaca que desvelaria as farsas sociais. A arte e a vida, para a anarquista, seriam como irmãs gêmeas da revolta. E é assim que a famigerada fala atribuída a ela ganha um movimento mais vivaz e convidativo : "se eu não puder dançar não é minha revolução".

[i] GOLDMAN, Emma. In: "The Modern Drama: a powerful disseminator of radical thought". In: Anarchism and other essays, p. 102. Disponível em: https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays. Acesso em 21 de agosto de 2019.
[ii] GOLDMAN, Emma. In: "Matrimonio y amor". Disponível em: La Palabra como Arma. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez, p. 94-95.
[iii] Cf. ensaio da anarquista. GOLDMAN, Emma. "A Tragédia da Emancipação Feminina". 1906.

Artista: Janayna Araujo

ANARQUISMO INTERSECCIONAL

A LUTA PARA CRIAR UM ESPAÇO SEGURO NA CASA DA LAGARTIXA PRETA

por Fhoutine Marie

"**A Casa da Lagartixa Preta Malagueña Salerosa**" (CLP) é um espaço anarquista em atividade há 15 anos em Santo André, São Paulo. Gerido pelo coletivo Ativismo ABC, a casa possui biblioteca, uma pequena horta/agrofloresta e realiza atividades políticas e culturais, como cursos livres de idiomas, exibição de filmes, saraus, shows de artistas independentes, mostras de filmes, debates, oficinas, entre outros. A casa é alugada e é mantida por meio de uma evento mensal com venda de comida vegana (geralmente uma pizzada) e por doações de pessoas físicas. Jamais recebemos dinheiro de partidos, empresas ou do Estado.

Formado em meio à efervescência dos protestos contra a ALCA e consolidado durante os anos de gestão petista, o coletivo viu tomarem fôlego ao longo dos anos as pautas relacionadas ao feminismo, às questões étnico-raciais e aos movimentos das pessoas LGBTQI+. Isso transformou tanto o coletivo quanto a comunidade frequentadora da CLP.

Este artigo fala sobre o processo em curso de fazer da Casa da Lagartixa Preta um espaço seguro para pessoas que não são homens brancos cisgêneros heterossexuais, que costumam ser maioria nos espaços anarquistas.

COMPROMISSO COM A INTERSECCIONALIDADE

Assim como ocorre em outros espaços e coletivos anarquistas, o respeito às diferenças de tudo aquilo que se afasta do ideal universal homem-cisgênero-branco-hétero fazia parte dos princípios gerais do coletivo. Desde os primeiros anos anos de atividade houve grande participação de mulheres (feministas ou não) e, em menor medida, pessoas negras/não-brancas e não heterossexuais, incluindo a realização de algumas atividades relacionadas a estes temas. Porém, o fato dessas questões não serem consideradas prioritárias por uma parte das pessoas membros do Ativismo ABC acabou criando diversas tensões que culminaram num racha no coletivo em 2015.

“A partir de então foram desenvolvidas algumas formas de lidar com essas diferenças para além do discurso.

Em março de 2016 as mulheres do Ativismo ABC realizaram a Virada Feminista. O evento foi exclusivo para mulheres. Sua programação contou com rodas de conversa sobre maternidade, direitos reprodutivos, feminismo negro, oficinas de mecânica de bike e autodefesa, exibição de filmes, feira de trocas e shows de hip-hop. Nesta ocasião percebemos melhor a importância de tornar o espaço mais acolhedor para mães e crianças. Por isso, além chamar pessoas voluntárias para brincar e cuidar dos pequenos para que as mães pudessem participar dos debates, também colocamos tatames com brinquedos no centro da roda, para que as crianças pudessem estar perto das mães, brincando e sendo amamentadas durante as conversas.

A experiência da Virada Feminista foi muito animadora nesse sentido. A partir daí decidimos que nos eventos artísticos realizados na CLP deveríamos dar preferência pessoas não-homens cis brancos hétero, valorizando a produção de mulheres, pessoas negras e LGBTQI+. Além disso, adotamos o hábito de pesquisar sobre a reputação dos homens cis hétero que se apresentariam na CLP, vetando a presença daqueles que já haviam sido denunciados por condutas abusivas. Esta regra se aplica também aos frequentadores homens cis do espaço. Independente das eventuais relações de amizade ou de serem alguém com história de militância: quando chega até nós uma denúncia o caso é debatido pelo coletivo e alguma atitude é tomada de acordo com a situação, podendo haver uma proposta de mediação de conflito ou até decidir que aquela pessoa não é bem-vinda na casa.

A entrada de pessoas trans no coletivo foi um marco nesse sentido. Além de estarmos atentos para situações de machismo, passamos a lutar para que a CLP fosse um ambiente anti-transfobia. Além das atividades puxadas por pessoas trans, colocamos cartazes alertando para a necessidade de se respeitar a identidade de gênero e o pronome pelo qual cada pessoa prefere ser tratada e também sobre coisas que não se deve dizer a uma pessoa trans.

Evidentemente, cartazes nem sempre são suficientes para que as pessoas mudem comportamentos internalizados.

Então, quando alguma situação de transfobia, machismo ou racismo ocorre no local e chega a nosso conhecimento, o coletivo todo se responsabiliza pelo problema, não deixando que a pessoa oprimida tenha que se defender sozinha.

O procedimento em geral é chamar as pessoas pra conversar e explicar didaticamente coisas que talvez elas não tenham tido oportunidade aprender. A pessoa só é convidada a se retirar se as tentativas de diálogo não surtirem mudanças.

Além dessas medidas de ordem prática, outra iniciativa foi a realização do Curso Livre de Anarquismo Interseccional. Pensamos sobre questões como corpo, autonomia, utilitarismo considerando perspectivas de raça, classe e gênero.

Além dos referenciais clássicos anarquistas, tomamos como apoio reflexões de feministas negras sobre interseccionalidade e tentamos pensar o anarquismo a partir de uma ótica não-colonial, uma vez que o pensamento de homens brancos europeus do século 19 não é suficiente para dar conta da complexidade da nossa realidade social do Brasil no século 21.

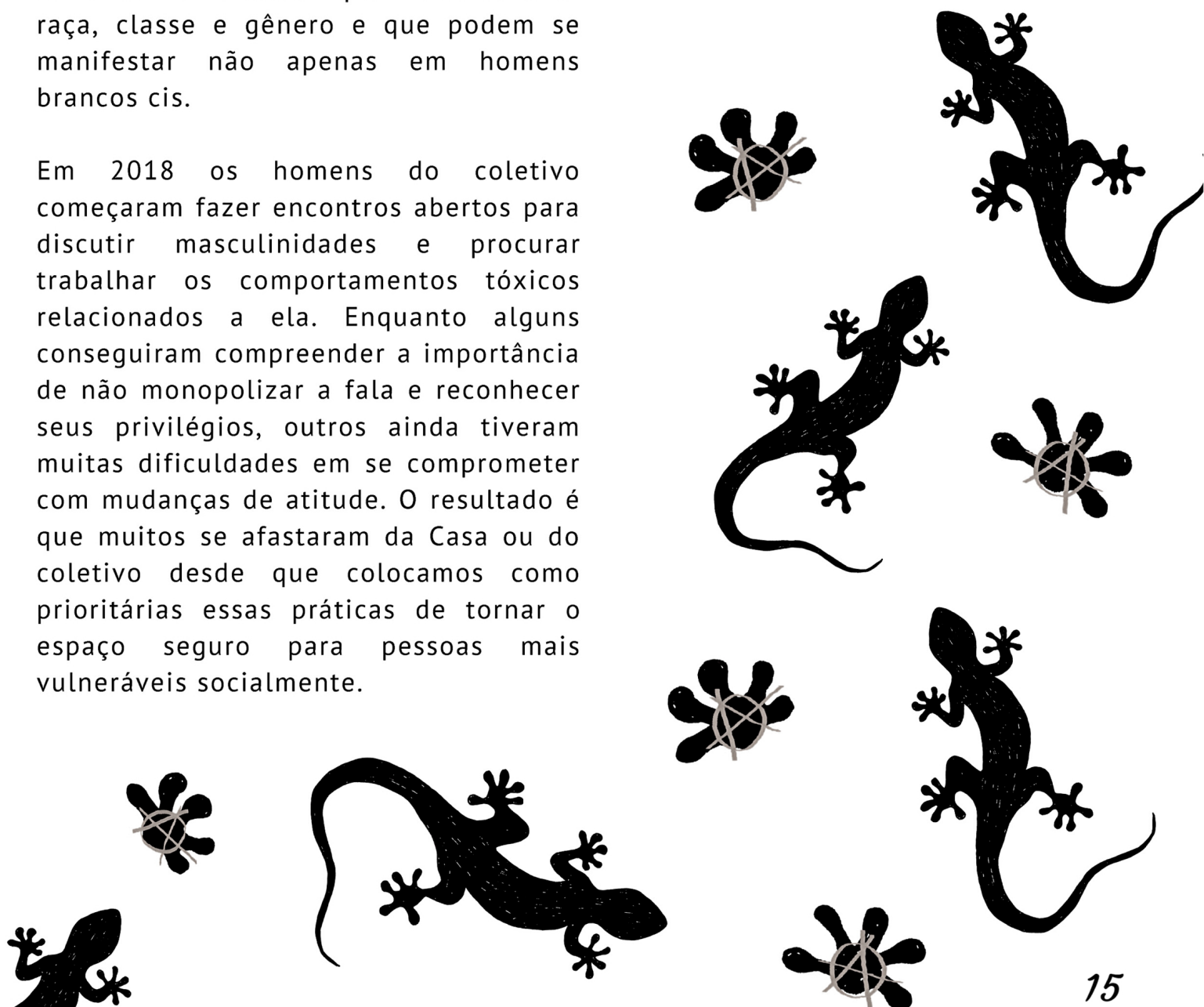
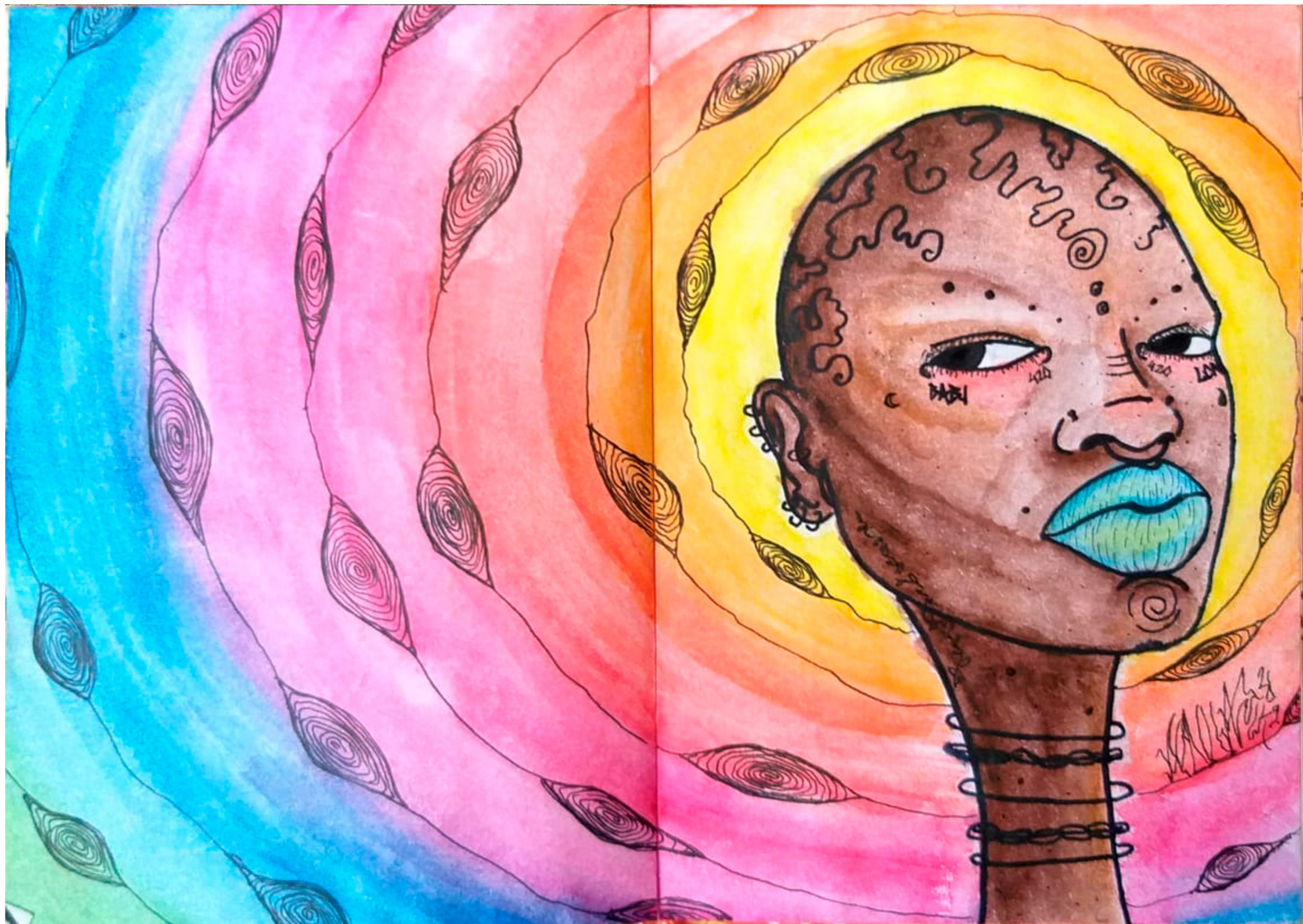
O QUE VEM DEPOIS?

Se para lidar com as pessoas que frequentam o espaço as coisas parecem estar encaminhadas, internamente algumas dificuldades permanecem. Ainda há condutas autoritárias e ou abusivas eventuais que transcendem raça, classe e gênero e que podem se manifestar não apenas em homens brancos cis.

Em 2018 os homens do coletivo começaram fazer encontros abertos para discutir masculinidades e procurar trabalhar os comportamentos tóxicos relacionados a ela. Enquanto alguns conseguiram compreender a importância de não monopolizar a fala e reconhecer seus privilégios, outros ainda tiveram muitas dificuldades em se comprometer com mudanças de atitude. O resultado é que muitos se afastaram da Casa ou do coletivo desde que colocamos como prioritárias essas práticas de tornar o espaço seguro para pessoas mais vulneráveis socialmente.

Se por um lado lamentamos o afastamento de pessoas que poderiam ser muito importantes na luta, por outro entendemos que se trata de um efeito colateral que ainda não aprendemos como evitar.

A intenção de falar de nossa experiência é poder contribuir com a reflexão sobre o tema e também refletir coletivamente sobre modos de construir em nossos coletivos e espaços de militância a mudança que queremos no mundo.

Sobre a autora: Fhoutine Marie é paraense, mulher negra da Amazônia, anarquista e feminista interseccional, jornalista, cientista política e participante do coletivo Ativismo ABC.

O machismo no Brasil

(Villiam)

O machismo no Brasil perpassa até mesmo a dicotomia entre as classes sociais, mesmo no mais rico condomínio ou no mais pobre barraco na favela os homens insistem em colocar as mulheres em condições de subalternidade. Os homens brasileiros em geral, tem um comportamento infantilizado e dependente, que mostra como a sociedade se reflete e como as
relações interpessoais são afetadas negativamente por conta disso. Desde os tempos escravistas onde os homens decidiam o que era feito com os corpos negros desalmados, fosse a chibata ou fosse o saco de excrementos, enquanto suas puríssimas esposas davam ordens às questões de relação doméstica para as negras ou negros que esteticamente fossem mais resistentes aos maus tratos, o patriarcado ocidental se estruturava em cima de sangue inocente.

A violência doméstica pode acontecer de forma subjetiva ou de forma concreta, seja psicologicamente ou fisicamente também. Há diversos casos que vale a pena prestar atenção, mesmo que isso nos obrigue a abrir os olhos à realidade e encostar nossos pés no chão.
A forma com que não aceitamos a personalidade do próximo - desde que não prejudique seu meio pessoal – também é uma forma de violência.
Essas violências podem causar
ansiedade, depressão, bulimia, vício em diversos tipos de drogas e até mesmo a automutilação. O comportamento da criança muitas vezes se deve ao fato de como o ambiente que ela se desenvolveu estava apto ou não para que ela se tornasse um adulto saudável. Na maioria dos casos, o ambiente familiar é responsável pela forma com que o indivíduo se comporta perante às leis universais. Caso se torne um agressor, transgressor, atirador, homem-bomba, traficante, assassino ou tantas outras nomenclaturas usadas atualmente, tudo está ligado ao ambiente familiar e muitas pessoas não tem a sorte de ter algum lugar para chamar de lar. Pais e mães que não tiveram a oportunidade de um aborto seguro, se veem na condição de criar suas crias em situações desfavoráveis e isso acarreta na mais tortuosa vida para o pequeno ser-humano que chega, em meio a contextos sociais desastrosos tendo pela frente educação de péssima qualidade, cidades sujas e poluídas sem o mínimo de estrutura lúdica que são moldadas para que o mesmo tenha seu imaginário bombardeado de informações destrutivas à sua saúde, servindo apenas de gado barato para os grandes empresários acumularem cada vez mais fortuna em suas tumbas imaginárias e os pobres de dinheiro sobreviverem em situações cada vez mais desumanas.

Artista: Negretta Moreira

Uma mulher ser agredida, significa que toda uma sociedade está em declínio. Uma mulher com hematomas psicológicos ou físicos causados diretamente ou indiretamente por um homem necessita de acolhimento psicológico de qualidade ministrado por outras mulheres, que, tenham passado pela mesma situação. Como sabemos, no Brasil isso não é uma coisa que possa ser colocada como inédita, isso acontece com frequência com dados estatísticos que mostram de minuto em minuto mulheres, em maioria sendo negras, morrendo por agressão. Uma pena é que as autoridades não estejam articuladas de forma séria a atender essas mulheres vítimas de agressão; portanto, elas se sentem coibidas à denunciar o agressor pois temem por suas vidas frágeis e muitas vezes não tem uma estrutura para se sustentar e sustentar seus filhos sozinhas.

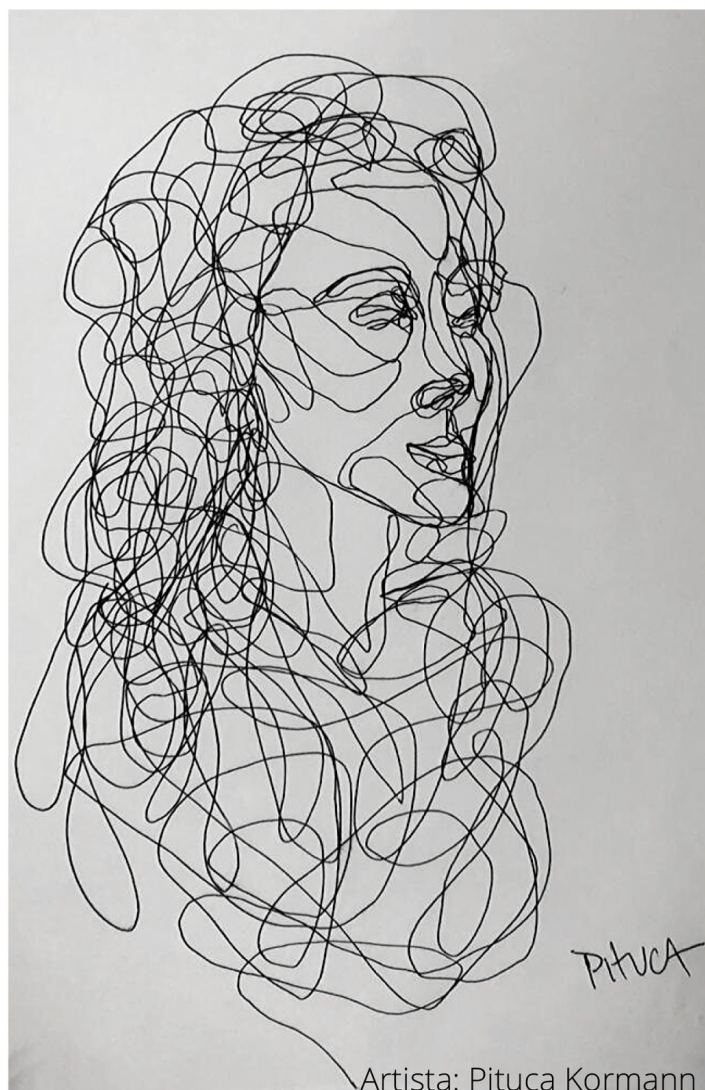
O governo deveria garantir educação, segurança e saúde de qualidade para seus cidadãos, porém não é isso que acontece na prática, o que vemos é uma tremenda lavagem de dinheiro do judiciário, legislativo e executivo que todos insistem em chamar de crise econômica e dívida pública, conhecidas como fake news.

"*Maria da Penha é uma cearense que em 1983, seu marido, o professor colombiano Marco Antonio Heredia Viveros, tentou matá-la duas vezes. Na primeira vez atirou simulando um assalto, na segunda tentou eletrocutá-la enquanto ela tomava banho. Por conta das agressões sofridas, Penha ficou paraplégica. Dezenove anos depois, seu agressor foi condenado somente no mês de outubro de 2002, quando faltavam apenas seis meses para a prescrição do crime. Heredia foi preso e cumpriu apenas dois anos (um terço) da pena a que fora condenado. Foi solto em 2004, estando hoje livre. Decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 7 de agosto de 2006, a Lei com seu nome entrou em vigor no dia 22 de setembro de 2006. Desde a sua publicação, a lei é considerada pela Organização das Nações Unidas como uma das três melhores legislações do mundo no enfrentamento à violência contra as mulheres. Além disso, segundo dados de 2015 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a lei Maria da Penha contribuiu para uma diminuição de cerca de 10% na taxa de homicídios contra mulheres praticados dentro das residências das vítimas.*" Lei Nº11.340 (Lei Maria da Penha) – Wikipédia.

Essa lei tem ajudado as autoridades a ter um diálogo saudável com as vítimas de violência doméstica, a criação de delegacias especializadas em atendimento à mulher, as DEAM (Delegacia de Atendimento a Mulher) apesar de ter em sua maioria homens

em situações que podem representar intimidação por parte da vítima atuam fielmente na resolução dos casos de violência grave.

Eu, enquanto mulher de origem periférica mais especificamente de favela já presenciei diversos casos de violência doméstica tanto no âmbito pessoal quanto a ver vizinhos agredindo suas esposas... Recentemente passei por momentos de puro horror pois não suportava mais o lugar que vivia com minha mãe, por me sentir sozinha e beirando à depressão, decidi sair de casa. Essa é a segunda vez que faço isso, em um intervalo de 1 ano pois em 2017 passei por questões de saúde graves e me vi obrigada a conviver com ela novamente. Como já desconfiava, essa relação não foi sadia e quase me vi na escuridão emocional. Sem assistência psicológica com certeza já teria feito algum atentado à minha vida. Porém, como da última vez, meus familiares não aceitaram bem a minha maturação e desprendimento de suas asas pseudo-cristãs e me difamaram com seus valores deturpados para quem quiser ouvir. Me vejo segura da decisão que tomei de me afastar dessas pessoas extremamente tóxicas e sei que a cada dia longe serei cada vez mais feliz.

É preciso que a população se reeduque, se desaliene e aprenda com seus erros, é preciso saber a história de seu país, do mundo e da humanidade como um todo. As mulheres são o cerne de toda a civilização, é preciso que saibamos de onde viemos. É preciso que tenham autonomia intelectual de forma que possamos dar as mãos e pensar em formas de desenvolvimento eficientes. É preciso perder o medo, desgarrar-se das mordaças e instrumentalizar as formas coniventes mais precisamente. É preciso viver com sabedoria e sempre estudar.

Artista: Pituca Kormann

Diário de um Favelado

(Marcos Paulo)

Muito se fala sobre guerras no mundo. Guerra entre povos, tribos e estados nações, as guerras não são coisas novas. Já ocorreram tantas guerras ao longo da história, que costumamos até aceitar ou tratar como algo normal, muitas vezes, quando alguém nos da à notícia de que está havendo uma guerra aqui ou alí, uma guerra contra os povos tal, entre um país ou outro nós aceitamos como uma coisa banal. Enfim, a palavra guerra é utilizada como sinônimo de conflitos bélicos, ideológicos ou mesmo entre Estados. Ao longo do século XX, os governantes cunharam o termo “guerra às drogas” para combaterem uso legal de substancias que alteram nossa percepção, denominadas como “drogas”, uso genérico do termo refere-se a qualquer substância que produza algum efeito psíquico de bem ou mal estar ao ser humano.

O que eu quero trazer para vocês é o relato reflexivo de alguém que nasceu no coração de uma favela brasileira marcada pelo contexto de “guerra as drogas”. Nascido e criado numa território de pujante desigualdade social e precariedade urbana, tanto a venda quanto o uso de drogas nunca foi uma novidade para mim, desde a tenra infância convivi com usuários de drogas, traficantes ou vivenciei situações de conflito com armas de fogo, que me proporcionaram sobreviver e garantir minha vida apenas por uma questão de sorte, digo isso porque posso listar mais de uma centena de pessoas que foram amigos meus em algum momento, porém hoje se encontram enterrados por causa desses conflitos envolvendo guerras faccionárias ou enfrentamentos com a polícia, no entanto, meu intuito aqui não é criar histórias sobre a violência para alimentar um imaginário distorcido sobre as periferias, tal qual faz a mídia brasileira. Do mesmo modo,não quero alimentar qualquer estereótipo ou ideia fixa de como é ser periférico ou mesmo como é viver nesses territórios, pois, as estratégias de sobrevivência e compreensão da realidade, são tão diversas aqui, quanto em qualquer lugar que tenha seres humanos, no entanto, apresento aqui, o relato de um favelado que não se conforma com a torrente de mentiras e violências propagada por instituições de poder, que se alimentam da desigualdade social e da própria vida das populações negras e faveladas no Brasil.

O termo favela é nome de uma planta originário do sertão da Bahia. Os usos do termo favela emergem no contexto da “Guerra de canudos”, que na verdade não foi bem uma guerra, fomos ensinados assim pela mídia e pela escola, para esconder as práticas genocidas que o Estado vem perpetrando contra o povo negro ao longo dos seus 500 anos, porém, quero dizer que, em Canudos, o que houve mesmo foi um massacre de populações cristãos que decidiram criar uma comunidade baseada em princípios de solidariedade e fraternidade entre 1896-1897 em regiões marcadas por latifúndios e pela seca. O Estado Brasileiro sentindo-se ameaçados pelo surgimento do Arraial de Canudos, decidiu enviar o exército da recém formada república para massacrar as populações locais, numa demonstração de força bruta e poder.

Desde que as populações pretas foram expulsas das fazendas após a assinatura da lei Aurea em 1888, milhares de pessoas passaram a sair vagando pelo sertão a procura de condições de sobrevivência. O arraial que havia se organizado em torno da figura religiosa de Antônio conselheiro, proporcionou que milhares de Sertanejos criassem uma comunidade pautada em princípios de solidariedade e apoio mútuo. Porém essa comunidade desagradou os governantes, três expedições militares foram enviadas e derrotadas pela população local, que usava apenas enxadas, facões e conhecimento territorial. As populações locais haviam experimentado uma sociedade mais justa e igualitária, num contexto onde metade da população nacional estava em condições de extrema pobreza. Indignados com as derrotas, as forças militares decidiram destruir o Arraial massacrando sua população e gerando vinte mil prisioneiros de guerra, entre mulheres, idosos e crianças os militares praticaram a degola dos prisioneiros e o incêndio do Arraial.

O que essa história tem a ver com a favela e a guerra às drogas você me pergunta? Pois bem, é interessante saber que os soldados enviados para o massacre corridos em Canudos, eram soldados pretos e pobres, motivados pela promessa do”soldo” que ganhariam do governo após “guerra” contra o Arraial. Após o massacre, o governo se recusou a cumprir as promessas com os soldados, não entregando nem “soldos” nem terras.

O que mobilizou esses soldados a ocuparem uma parte do morro da Providência em protesto contra o descumprimento das promessas de governo no Rio de Janeiro de 1887. Ao se encontrarem sem moradia, renda ou condições de existência, ocuparam o morro e plantaram as mudas da "Favela" que haviam trazido do massacre de Canudos.

A estratégia mais antiga utilizada pelo colonialismo romano é denominada "dividir para conquistar", ou seja, nada novo, implantar a discórdia e a desunião entre as populações dominadas evita os motins e resistências. Pretos pobres mantando pretos pobres em nome dos interesses das elites brasileiras é a tática do Estado para manter o genocídio em curso. Daí surge a institucionalização dos capitães do mato como braço armado do Estado. Nesse contexto, as políticas públicas de saúde e higienização social enxergavam a população preta como uma doença para o país. Dando seguimento as políticas de branqueamento como tática de destruição das populações africanas e indígenas desde 1850, até chegar a eugenia propriamente dita.

Esse pequeno relato histórico ao qual expus em breves linhas, é bem ilustrativo sobre a maneira que o Estado brasileiro vem tratando as populações escuras e não brancas nesse país. Os jogos políticos que se instituem na sociedade capitalista, onde populações em situações de vulnerabilidade e precariedade social são utilizadas como massa de manobra de governos racistas que atuam,hora mobilizando setores pobres a perpetrar massacres contra seus semelhantes de cor
ou étnicos, em guerras e conflitos que atuam na própria destruição e controle social do povo preto e indígena em nome da soberania nacional, hora cooptando e promovendo a ascensão social e papel político, daqueles que se filiam as forças nacionais e ajudam a perpetrar a violência e a manutenção da desigualdade.

A ascensão social das pessoas negras no Brasil, ainda precisa romper muitas barreiras estruturais. Arraigadas no conjunto de instituições caudatárias do poderio colonial, o modelo de escola, de educação, família e religião, instituídos, constrangem e tentam apagar todo o foco de diversidade étnica e cultural em todo o país. A solução liberal para a diversidade humana é a distribuição fictícia de direitos humanos, enquanto eles nos distinguem pela cor da pele, somos humanos de direitos, violados por seus padrões. O racismo compõe a ordem comum da vida social, a descriminação racial atua dentro e fora da legalidade, porém não necessariamente positivada na formatação objetiva da lei, ou mesmo de um conflito interpessoal entre negros e brancos, o racismo institucional dilui-se através dos meios de comunicação, instituições sociais, valores, hábitos e atitudes psicológicas frente ao elemento negro da sociedade. Desse modo, a higienização social de grupos racistas segue fortalecendo o projeto de genocídio da população negras e indígenas, porém agora, normalizados pelos discursos de ódio das mídias sociais, que são os verdadeiros advogados do diabo, agindo como defensores dos massacres e da higienização social.

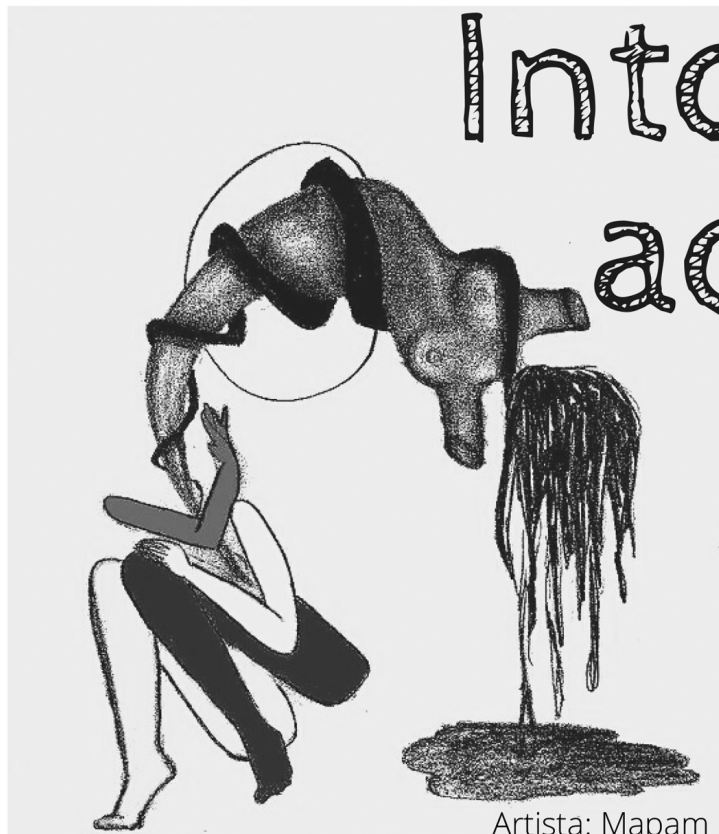
O que estou querendo dizer é que manter as pessoas pobres é uma das estratégias utilizadas pelas elites para assegurar o controle social por meio da necessidade, o sistema cria falsas necessidades e as mantém através do consenso e da força. O próprio Michael Foucault afirma que as prisões foram criadas e utilizadas prioritariamente contra os pobres, pois era uma forma de controlar quem não tinha dinheiro e poder, mantendo a lucratividade do trabalho. A desigualdade social e econômica no Brasil tem cor, territorialidade, e seguem os interesses políticos das elites escravagistas. A criminalização da pobreza é a estratégia para manter o sistema funcionando contra as populações pretas no Brasil e no mundo, pois se a favela existe e é marcada pelo estigmada violência social, esta não vem gratuita ou sem interesse.

Sabemos que a guerra é um produto das relações entre os interesses de mercado e do Estado, a guerra as drogas é um exemplo vivo desses interesses. A criminalização da pobreza desenha os perfis dos que são associados ao crime, geralmente negros, pobres ou desassistidos pelo Estado. A questão que o "cidadão de bem" ou "cidadão de bens" no imaginário social brasileiro tem um perfil que não é aquele das pessoas pretas, embora a questão do uso de drogas seja generalizada para todas as classes, raças e grupos sociais, aqueles que são penalizados são as pessoas pobres e pretas.

Em síntese, a "guerra às drogas" é o hálibe do sistema de segurança pública para praticar o terrorismo de Estado contra as populações pretas periféricas e faveladas. Mesmo com o término da ditadura a taxa de homicídios da população negra permaneceucrescendo exponencialmente. A cultura policial no país, a cultura de guerra tem um alvo e esse alvo tem cor. Não é por nada não, mas o delegado Orlando Zacconi pesquisador da área de segurança pública e direitos humanos e que atua para a mudança da atual da política de drogas, em uma de suas palestras afirmou que a maior academia de tiro da América Latina se encontra no Rio de Janeiro, e na parede onde se pratica tiro ao alvo, existe a imagem de uma gigantesca favela para os policiais praticaticarem seus homicídios. Enfim, como diz o Poeta Codorna* "Será que é futuro, se persiste o passado? Será que o Estado é mesmo meu aliado?".

Intolerância ao Gênero

(Maria Cicilha Leite)*

Artista: Mapam

Em um campo fértil, está a temática gênero. Falar deste tema nos leva para infinitos desdobramentos. Partido de alguns temas trabalhados em classe como: “Intolerância e gênero: Perspectivas decoloniais e as identidades trans”, “Ódio às dissidências sexuais e de gênero” e “Ideologia de gênero, família e fascistização social”. Que nos leva a refletir que as violências contemporâneas são advindas da colonialidade. Basta observar como chegamos a barbárie social e refletir outras formas de olhar e estar no mundo. E então, refutar a forma que lemos corpos, gestos, se é homem ou mulher, negro ou branco, é uma forma de descolonizar essas leituras. Essa narrativa mostra também que o ódio contra gays está além dos motivos religiosos, científicos e culturais, razões quais não amparam um ódio destinado a um ser.

A arte desde sempre revela que na antiguidade utilizava-se o corpo para tirar prazer. Em um determinado contexto histórico, os Templos de Khajuraho na índia, construído ao longo de cem anos, desde o ano 950 até o ano 1050, possui temas relacionados com a sexualidade nas esculturas das fachadas de alguns templos. Assim como a Serra da Capivara possui pinturas rupestres que retratam o sexo entre pessoas do mesmo sexo. O que nos levam a entender que a antiga sociedade havia maneiras distintas de lidar com o prazer para o corpo independente de gênero. Com o decorrer dos anos a igreja passou a pregar que o sexo seja feito para reprodução, que a mulher é um ser submisso, a exemplo a estória de Lilith, a primeira mulher de Adão, expulsa do paraíso por não aceitar ficar por baixo ao transar com um homem. Para a religiosidade pensar em pecar não era pecado, o que era pecado era o ato em si.

Todas essas questões conduz a outra inquietação: Como direcionar nosso olhar para as tensões sociais existentes por falta de cumprimento das políticas públicas, para a demanda de gênero e sexualidade?

Para tanto é necessário olhar a problemática ao nosso redor, porque a intolerância está para além dos jornais e mídias sociais. É uma realidade próxima a nós. Sabendo disso, levantei debate sobre o tema gênero e todas suas nuances com pessoas que convivo. A Empresa que trabalho é um local que historicamente cultua os corpos, quadro funcional predominantemente masculino e que tem por hábito dissecar o corpo da mulher como um objeto. São 21 coordenações e destas sete são ocupadas por mulheres. Que ao longo da história tiveram que ocultar sua feminilidade e subjetividade para conviver e estar em pé de igualdade no mercado profissional com os homens.

Em dias distintos, levantei debates com colegas de trabalho a partir de matérias jornalísticas que continham discussões sobre gênero. Abaixo apresento as matérias jornalísticas e transcrevo parte das opiniões dos pesquisados.

Matéria 1: Jovem usa web para denunciar padrasto por tortura e estupro.

"Eva Luana da Silva contou nas redes sociais o "caos" que começou a viver quando estava com 12 anos. Ela conta que a mãe era constantemente vítima do padrasto e que, depois, ela passou a ser alvo dele também. Agredida, abusada, violada e torturada quase todos os dias. O padrasto era obsessivo e ciumento com ela. Eva disse já ter procurado ajuda quando tinha 13 anos e que sofria esses abusos há 1 ano, mas sua denúncia não deu em nada, na época", pois devido a morosidade da justiça o padrasto a ameaçou para retirada da queixa e intensificou as agressões.

As falas dos colegas são as mais diversificadas: Como se deixa a filha passar por essa situação? Agora ela vai levar essa marca para o resto da vida. A justiça falhou com as mulheres, mas não falhou com o homem. Vão matar esse cara na cadeia, ninguém vai tolerar ele lá, primeiro o farão de mulher para depois o matar.

Quão intensamente a sociedade falha com mulheres abusadas. Desde criança Eva era abusada, a escola que frequentava não percebeu, a religião que frequentava não percebeu, o estado ao saber se omitiu. Se a mulher dá uma queixa e retira, é sinal que os abusos se intensificaram ou fizeram as pazes, mas ainda assim deve permanecer a investigação.

Matéria 2: Travesti idosa é morta a pauladas e tem corpo incendiado.

Uma travesti foi encontrada morta a pauladas com o corpo incendiado dentro da casa onde morava. O caso aconteceu na cidade de Seabra, região da Chapada Diamantina, na Bahia.” Após ter marcado um encontro com um homem. Nessa matéria os colegas pontuaram: Que parece ter sido uma emboscada; Que é uma situação delicada. Que é o que dá levar qualquer um para dentro de casa, mas que se justifica pela carência da idade. Com esses argumentos nota-se que o preconceito e desinformação iniciam na matéria. Ela era uma transexual,não uma travesti. Vestia-se de mulher e vivia como uma mulher por não se identificar com seu sexo de nascimento.

Questiono há quantos anos esse travesti deveria viver nessa cidade e só agora foi assassinada? Como não dizer que o atual cenário intensificou a criminalidade contra questões de gênero?

Matéria 3: Mulher ameaça se mudar para casa do ex-marido se ele não assinar o divórcio.

“Cleusa Cruz, há 25 anos não convive com Denilson Florenço, mas ainda são casados no papel porque, segundo a cabeleireira, ele se recusa a assinar o divórcio.”

Nesta matéria, que tem um tom descontraída, o grupo falou: Homem faz mulher de besta enquanto ela permite; Clamam por um mundo com mais Creusas; Questionam para que colocar em redes sociais, é muita exposição.

Essas opiniões nos transmite uma sensação de leveza e que nos leva a pensar que se mais mulheres fizessem isso não teria tantos homens opressores e que homens sempre tentam compreender as atitudes de outro homem, enquanto as mulheres sentem-se realizadas diante desses tipos de acontecimentos. O quanto essa mulher sofreu até conseguir se libertar e sair do papel de oprimida para ser a opressora. Mulheres que deixaram de ser imponderada para tornar-se empoderada.

Ser mulher não é ser frágil

Há certo tempo olharia para essas notícias e pensaria como acomodá-las em um mesmo texto, por acreditar que não existe relação entre si, mas quando analisamos nosso cenário atual, a frequência que nos deparamos com notícias de violência motivada por questões de gênero, intolerância e sexualidade, pensam que nenhum fenômeno tem causa motivada por um único fator, tudo é uma construção histórica.

Sabemos que ser mulher não é ser frágil, é saber lidar com exigências desde criança, pois quando criança aprendem coisas do tipo: “Fique séria”, “evite o olhar”, “saia de ambiente que tenha muitos homens”. Formas quais parecem fórmulas de fazer um homem respeitar uma mulher, em outras palavras, o ensinamento deveria ser “não tenha contato com homens”, como

se o respeito tivesse que ser dado à mulher que o estimulasse a tê-lo. Djamila Ribeiro, em seu livro Lugar de Fala (2019, p. 35) diz: "Segundo o diagnóstico de Beauvoir, a relação que os homens mantêm com as mulheres é esta: da submissão e dominação. As mulheres estariam enredadas na má fé dos homens que a veem e a querem como um objeto. Beauvoir mostra em seu percurso filosófico sobre a categoria de gênero que a mulher não é definida em si mesma, mas em relação ao homem eatravés do olhar do homem." (apud BEAUVOIR, 1980).

No decorrer dos anos, as mulheres, tiveram que aprender a mediar suas emoções para estar em ambientes que hostilizam a sua existência, também aprendeu a questionar homens, desconstruí-los, fazer suas ordens serem ouvidas e a serem respeitadas em sua essência.

Ao levar esse debate para este ambiente me encontro no papel de desconstruir a objetificação, subestimação e opressão que está posto na intolerância de gênero. Noto que esse debate deveria estar além do âmbito familiar e escolar, já que questões de sexualidade, gênero, diversidade e intolerância são realidades que transcendem a própria realidade.

Ainda encontra-se muito longe dessas opressões chegarem ao fim, mas está sendo construído um grande caminho com um vasto material para a história, porque as mulheres passaram a escrever sobre si e ser a protagonista da própria história. Por mais que sejam constantes as notícias tristes nas mídias, isso não quer dizer que perdemos a luta, apenas ainda não ganhamos.

Referências:

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? São Paulo: SuelinCarneiro, Pólen, 2019. 112 p.

Folha do ES. Comportamento. Espirito Santos. 16 MAIO 2019. Disponível em: https://www.folhadoes.com/noticia/comportamento/51226/mulher-ameaca-mudar-casa-ex-marido-ele-nao-assinar-divorcio Acesso em: 15 jun 2019.

Catraca livre. Cidadania. 20 fev 2019. Disponível em: https://catracalivre.com.br/cidadania/jovem-usa-web-para-denunciar-padrasto-por-tortura-e-estupro/. Acesso em: 15 jun 2019.

Catraca livre. Cidadania. 04 junv 2019. Disponível em: https://catracalivre.com.br/cidadania/travesti-idosa-e-morta-a-pauladas-e-tem-corpo-incendiado/. Acesso em: 14 jun 2019

*Bacharel em marketing e Discente do Bacharelado Interdisciplinar em Humanas com ênfase em Políticas e Gestão Cultural - Universidade Federal da Bahia. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/7734387968888857.E-mail: mariacicilha@gmail.com

A Vida e o Crack na Favela

Foto: Fabio Teixeira

(Hannah de Vasconcellos e Mirna Wabi-Sabi)

Estamos no Complexo da Maré, favela da região norte do Rio de Janeiro. Um lugar de absurdos e potências, onde histórias costuradas entre si formam parte da história da cidade do Rio de Janeiro, do Brasil e do mundo. Lá, é escancarado o que a sociedade, em um misto de confusão e vergonha de si mesma, tenta esconder. Não é possível simplificar a Maré ou suas histórias: é complexa, contraditória e consegue reunir opostos, desafiando o entendimento.

Agora, estamos em um dos epicentros de uso de drogas do complexo de favelas da Maré. Chamada pejorativamente de "cracolândia", a região fica na avenida Brasil, gigantesca avenida de 58 quilômetros que corta o Rio de Janeiro. É aqui que um campo de concentração sem muros se mantém pelo roubo da autonomia dos frequentadores. Sabemos quem é o ladrão.

A "cracolândia" é chamada assim porque seus frequentadores consomem majoritariamente o crack, droga feita de duas substâncias comuns e de um estimulante ilícito: água, bicarbonato de sódio e cocaína. O crack é barato, tem efeito rápido e muito volátil. Quem consome fala de uma intensa sensação de poder, euforia e prazer, além de acabar com a fome. Um usuário de crack pode perder cerca de 10 kg em um mês por não ter apetite.

O que separa o uso de drogas e a dependência de drogas? Para o neurocientista Carl Hart, a resposta está por trás da reflexão provocada por essa pergunta. Ele é o primeiro professor negro titular de neurociência da Universidade Columbia, nos Estados Unidos, e estuda os efeitos do crack. Hart afirma que não é a química da droga que é altamente viciante e causadora das mazelas sociais dos usuários. É o exato oposto.

As consequências nefastas do capital enquanto sistema global, que cria e recria excessos humanos – seres que “sobram” na sociedade –, tornam o crack atrativo e viciante. O que separa o uso de drogas da dependência de drogas é a autonomia.

A definição coloquial da palavra “vício” sugere fraqueza moral, falta de autocontrole e um defeito pessoal. Para entender a complexidade da dependência química, é útil entender o oposto de dependência: a autonomia.

Em conversa com a doutora em psiquiatria da Universidade Federal Fluminense (UFF) Flávia Fernando, ouvimos que a autonomia significa poder depender de uma vasta quantidade de coisas e pessoas, em vez de depender de uma única coisa.

Autonomia pressupõe escolha, e os frequentadores da “cracolândia” da Maré não a têm – foram roubados. Entre homens e mulheres, majoritariamente jovens e negros, eles e elas vivem embaixo de um viaduto em construção, espremidos entre duas vias da maior avenida do país: não têm dinheiro nem para pagar a casa mais barata da favela. Sem muito a perder, se arriscam entre os carros para chegar de um ponto a outro da avenida. O barulho, a poluição e a violência são tão onipresentes quanto o ar.

A “guerra às drogas” chega aqui em formato de bala de fuzil vinda de um helicóptero da polícia. A “redução de danos” chega aqui em formato de internação compulsória, trabalho braçal forçado e doutrina cristã obrigatória.

A perda de autonomia é também a perda de identidade. Com opções limitadas, a oportunidade de fazer escolhas pessoais é escassa. A individualidade desaparece, assim como desaparecem as impressões digitais das pessoas que usam a droga severamente.

As 16 favelas que formam o Complexo da Maré foram construídas no entorno da avenida Brasil. A construção da via, onde fica o local de uso de drogas da favela, escancara como as dinâmicas capitalistas edificaram um dos maiores complexos de favelas do estado do Rio de Janeiro.

Foto: Fabio Teixeira

No final da década de 1940, as obras para abertura da avenida Brasil atraíram grande migração nordestina para o Sudeste, da região mais pobre do país para a mais rica. Com baixos salários, que não custeavam nem a passagem de volta para casa, a saída encontrada foi a construção de casas precárias nas poucas áreas secas da região que ainda era um mangue. Estão lá até hoje.

Mais recentemente, o projeto de obra de transporte público que prometia conectar o aeroporto internacional com áreas nobres do Rio de Janeiro cortando a Maré, o TransCarioca, está indefinitivamente inacabado.

Os restos da obra hoje abrigam a “cracolândia”, e os responsáveis pelo fracasso da execução do projeto estão presos. O ex-secretário de obras, preso no ano passado, recebia propina e gerenciava a execução de uma obra sem semelhança alguma com o projeto financiado. Como se vê, o desvio de verba é um crime que causa danos a pessoas por gerações.

O sistema capitalista, além de estrutural e estruturante, se atualiza a cada momento, criando novos tentáculos que são capazes de tocar – e destruir – cada vez mais longe e mais fundo. Não há lugar, objetivo ou subjetivo, que esteja salvo. E o genocídio tem jeitos diferentes de matar.

O capitalismo não quer apenas mortos, mas também corpos sem vida. O genocídio subjetivo está presente nos olhares perdidos, no jeito neurótico de agir e na constante desconfiança.

Foto: Fabio Teixeira

Ô Minha Mãe Aperta o Passo

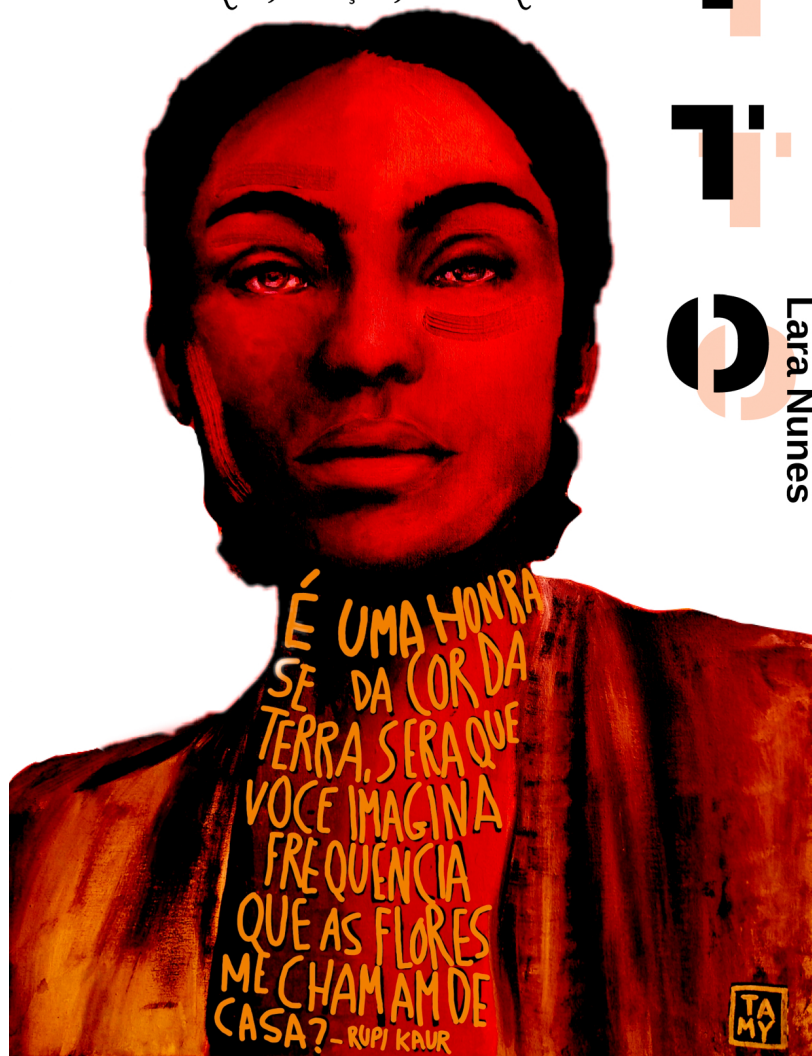
Ô minha mãe aperta o passo
Que chegou o grande dia
O nosso sinhô vai da
A nossa carta de alforria
Liberdade
Havia corpos ensanguentados
Havia corpos chicoteados
Tinha meus irmãos escravizados
Mas ele diz, não é verdade
Liberdade
Várias correntes no pé
Naquele tempo não existia fé
Era roda de candomblé
Para amenizar a dor
Nunca foi Deus abençoe
Sempre foi, axé!
E repetindo, sim sinhô!
Servidão
Nunca foi liberdade
A carta nunca foi assinada
Sempre foi assasinada
Por os da casa grande
Covardia
Selecionava os escravos
Jogava uns contra os outros
Por uma carta de alforria.
Minha mãe aperta o passo que chegou o grande dia
Hoje o vosso sinhô vai dar
A nossa carta de alforria
Era cozinhar, passar, limpar
Receber olhares maldosos de vossa sinhá
Era com elas que eles queriam se casar
Mas era as escravas que ele gostavam de estuprar
Engravidar
Mais um bastardo
Mais um mulato
Onde isso foi parar?
"O negro lá pesava sete arrobas, não servia nem pra procriar"
Te servir? recuso
A miscigenação é linda
Mas ela é fruto do estupro
Mais que absurdo
Eu não te sirvo
Volte quinhentas casas
O sexo das minhas irmãs não era consentido
Era um ato forçado pra ter sua alforria assinada
Enforcados em praça pública
Dizimavam nossos terreiros
Enquanto os senhores pulavam dos seus cavalos
Nós?
Saltávamos dos navios negreiros.
Suicídio
Num mundo de escravidão
Ser mais um preto morto, era alívio.
Marcas
Marcas pelo corpo, manchas de sangue
Chicotadas
A carta nunca chegou, ela foi miscigenada
Ela foi transportada
Ela foi estuprada
Nessa reparação, a escravidão não se repara
Seus corpos colonizadores eu coloco em pau de arara
Isabel é o caralho quem me salvou foi Dandara.

(Stephanie Cristine)

CONCEITO

Lara Nunes

pra Conceição,
toda a emoção.
encarando teus olhos d'água
embargo a voz
extasiada
o coração a batucar
entre nações entrecruzadas.
nos becos de tua memória,
uma parte de nossa história
que de tão distorcida e
deturpada
faz da recordação mais rara.

pra Stela,
operação interna.
nas madrugadas mundiais
atividades cerebrais
verdades em cima da mesa.
acima das mentes normais
reino dos bichos e dos animais
razão, coração, incerteza.

pra Noémia,
independência
sangue negro que foge das veias
escorre entre os dedos
e ganha o papel.
fuga da cruz e da espada,
grito ansioso de basta
sair das grades
alcançar o céu.

pra Carolina,
sempre foi tontura.
diziam que tua arte
não era literatura
que o cânone não podia
abarcar tua postura
a tua escrita,
tão criticada
entre calvário e salário pendurada
estendida no varal de sonhos
de quem só tinha ar no estômago
e a fome fazia tremer.
hoje pra nós válvula de escape
em sua vida foi contra-ataque
aos que tentaram te corromper.

pra todas as vozes mulheres
que ecoam dentro de mim
poesia é aquilo que
me bota pra nascer todo dia
início da estrada
meio de sobrevivência
elementos em harmonia.
entre enganos e parecenças
igualdades e diferenças
poesia é o fim das amarras
é tudo que não acaba
é vida após a grafia.

Sobre a Revista

Contato:
ainimiga.noblogs.org
spfr.noblogs.org

Somos uma crítica ao machismo dentro do movimento anarquista, e ao feminismo reacionário cooptado pelo capitalismo.

Não só homens são revolucionários, portanto, nem só homens podem ser reacionários.

Afrontamos e homenageamos não à base de uma ideologia, mas à uma base de integridade pessoal e política que visa o fim do patriarcado, da supremacia branca, da violência de gênero, do fascismo e do Capitalismo, e do neocolonialismo.

Artista: Mapam

"A crítica feminista tem de explorar as afirmações totalizantes da economia significante masculinista, mas também deve permanecer autocrítica em relação aos gestos totalizantes do feminismo." (Judith Butler - Trecho de "Problemas de Gênero")

"E a imagem é clara e as letras são verdadeiras, e as vozes assombradas cantam tão doce e forte que as pessoas ouvem a grama de longe. E as pessoas começam a dançar, e as pessoas começam a cantar, e a canção é a liberdade.
Veja, a grama está crescendo."
(Assata Shakur - Trecho de "Ninguém pode parar a chuva")

Autoria das artes

- ***Fábio Teixeira - P.27,28 e 29***
- ***Janayna Victória - P.12***
- ***Mapam - P.23 e 32***
- ***Favela Griô - P.9 e 30***
- ***Meduza - P.11***
- ***Negretta Moreira - Sumário, P.3,16,17 e 18***
- ***Pituca Kormann - P.20***
- ***Vitor Ciosaki - Capa***